



# Comensais do Caos



**MAXWELL DOS SANTOS**

# COMENSAIS DO CAOS



Maxwell dos Santos

COMENSAIS DO CAOS

Vitória (ES)  
Edição do autor  
2015

**Responsabilidade Editorial** | Maxwell dos Santos  
**Editoração Eletrônica e Capa** | Maxwell dos Santos

Contato com o autor  
(27)99943-3585/3100-8333  
sanmaxwell@gmail.com  
www.facebook.com/sanmaxwell

Eugenia Magna Broseguini Keys – CRB-MG nº 408-ES

S237c

Santos, Maxwell dos (1986- ).  
Comensais do caos / Maxwell dos Santos.  
— Vitória : Edição do autor, 2015.

60 p. : 21 x 14,8 cm.

1. Contos – Espírito Santo (Estado). 2.  
Literatura brasileira – Espírito Santo  
(Estado). 3. Contos brasileiros. I. Santos,  
Maxwell dos.

CDU 869.0(81)-34

CDD B869.852

---

ESTA OBRA ESTÁ LICENCIADA SOB UMA LICENÇA  
CREATIVE COMMONS



*Para mudar o mundo, primeiro é preciso mudar a forma de nascer.*

**Michel Odent, obstetra francês.**



*Para todas as mulheres que foram vítimas de violência  
obstétrica.*

*Para todas as crianças que morreram ou ficaram com  
sequelas da violência obstétrica.*

*Para todas e todos os ativistas pela humanização do parto  
no Brasil*

# SUMÁRIO

Prefácio .....	10
Apresentação .....	12
Adriane.....	15
Isadora.....	20
Camilla.....	27
Débora.....	37



## PREFÁCIO

**A** escrita do jovem Maxwell dos Santos é a leitura crua e nua da realidade que acomete nossos jovens na atualidade, seu olhar o permite trazer à tona questões sociais de impacto na sociedade. Em seus livros, ele traduz a vida e as dificuldades enfrentadas no cotidiano dessa parcela da sociedade que vivencia dilemas e encontros com as novidades impostas pela falta de oportunidades.

Esse livro é especial por trazer à luz uma questão afeta ao sistema obstétrico vigente no Brasil, a violência obstétrica. Questão esta, que fora ao longo dos anos naturalizada por homens e principalmente por mulheres. Mulheres que sofrem todos os dias nas maternidades brasileiras, realidade marcante no Estado do Espírito Santo.

Nos últimos anos, esse tema tem tomado espaço na pauta dos direitos das mulheres. Afinal, seria o momento do parto, um importante momento de felicidade e um especial rito de passagem para as mulheres. A transmutação da filha para a mãe.

Comum conversarmos com mulheres que já tiveram filhos por via vaginal e observarmos que toda sua “mágoa” com seu parto, está na verdade, localizada no tratamento inadequado e desumanizado a que elas foram submetidas. Esse parto marcado pelo tratamento bruto, pelo uso/excesso de intervenções (muitas vezes desnecessárias), pela dor ampliada pelas intervenções, é o relato que essa mulher passará adiante.

## COMENSAIS DO CAOS

Esse relato vai constituindo o imaginário de que o parto é um ato violento ao corpo feminino, com memórias predominantemente na dor, ao ponto de várias mulheres rechaçarem a hipótese do parto normal por estarem afetadas por esses relatos de partos que foram brutalmente marcados pela violência obstétrica.

Então o que seria a violência obstétrica? Toda sonegação de informação, violências verbais e piadinhas, procedimentos e técnicas realizados pela conveniência profissional para apressar o parto (que podem trazer danos a saúde do bebê e da mulher), falsas indicações de cesáreas. Que podem ocorrer durante o pré-natal, parto e pós-parto.

Seria possível se prevenir? A informação é a forma mais poderosa que as mulheres e homens podem se utilizar para precaver das violências obstétricas e assim, vivenciar um parto mais digno e respeitoso.

A aproximação de grupos de apoios à gestação, profissionais envolvidos com a humanização do parto (médicos obstetras, enfermeiras obstetras e doulas) e o empoderamento são importantes chaves que podem ser utilizadas.

E é nesse sentido que o livro **Comensais do Caos** demonstra sua importância, servir como fonte de informação e desnaturalização da violência obstétrica.

**Graziele Rodrigues da Silva Duda**  
**Doula do grupo Zalika**

## APRESENTAÇÃO

Com entusiasmo e espanto, encontro as narrativas de Maxwell dos Santos. Com entusiasmo, pois a temática do livro encontra-se na ordem do dia. E com espanto, pois Maxwell dos Santos é um jovem homem, discorrendo sobre temas como o amor, o sexo, os relacionamentos e principalmente sobre as formas de parir, esse, exclusivamente do universo feminino.

Contrariando o ditado popular, a arte neste caso especificamente, tem imitado, ou melhor, reportado a vida. As narrativas contadas não são mero fruto da imaginação do jovem autor. Elas são bem reais, e cotidianamente, nós, cientistas da Saúde Coletiva, principalmente, Saúde da Mulher, encontramos mulheres, cujas histórias muito nos faz recordar de Adriane, Isadora, Camilla e Débora. Sim, elas existem e são reais.

Atualmente, no Brasil, 95% dos nascimentos em serviços de saúde privados ocorrem por cesarianas. Nos hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS), esses índices são um pouco menores, cerca de 65%. O que não representa qualidade na experiência dos partos. Ou seja, os partos “normais” acontecem, porém repletos de intervenções biomédicas.

Esses números são preocupantes, pois de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o aceitável é cerca de 15%. Outro indicativo interessante é o fato de que 80% de mulheres no início do pré-natal declaram a preferência pelo “parto normal”. O que as faz mudar tão radicalmente de

ideia em tão pouco tempo?

O modelo de assistência em saúde hospitalocêntrico, a falta de educação e das práticas médicas, baseadas em evidências científicas, ausência de educação perinatal e principalmente, a falta de estímulo e respeito ao exercício do protagonismo feminino no momento do parto são, sem dúvida, os grandes causadores da epidemia de cesarianas e de partos violentos que deixam marcas indeléveis nos corpos das mulheres, em seus psiquismos e em suas famílias.

Os custos sociais, familiares, econômicos e futuros são incalculáveis, pois refletem diretamente na qualidade do cuidado puerperal que será dispendido por essa mulher ao seu bebê e em partos futuros.

Entramos o ano de 2015 com uma promessa de mudança na realidade e no modelo obstétrico do país. Enfim, a reflexão sobre a qualidade de assistência da saúde para mulheres no momento do parto saiu da agenda dos movimentos feministas, da academia e dos lamentos quase inaudíveis das mulheres e passaram a integrar as agendas das políticas públicas: a saber, a regulação da ANS (Agência Nacional de Saúde) acerca das cesarianas eletivas como forma de trazer variados atores sociais para a discussão: mulheres, profissionais da assistência, políticos, juristas, passam a considerar as variadas formas de violências obstétricas e passam a discutir sobre o assunto, tornando a questão pública, tirando-o da esfera privada e institucional e com isso, os serviços de saúde, as mulheres tendem a ganhar com a melhora nas assistências.

Embora haja muitos movimentos que não entendem ao certo, o que “querem as mulheres” e que acreditam que parir seja algo primitivo e desnecessário, Freud, no século passado, debruçou boa parte de seus estudos e pesquisas acerca do universo feminino sem ter encontrado uma única resposta que respondesse o que as mulheres querem.

Atualmente, o movimento feminino trouxe parte desse enigma à tona. As mulheres desejam trazer seus filhos ao mundo com autonomia, respeito, técnica, acolhimento e vínculo. E sim, as mulheres querem e devem parir, onde e como desejarem e se assim desejarem.

**Bianca Martins**

**Psicóloga, psicanalista, membro da Escola Lacaniana de Vitória.**

**COMENSAIS DO CAOS**

# **ADRIANE, 27 ANOS**

**A**driane era uma moça mineira de Carlos Chagas, cabocla, baixinha, de cabelo preto e fala mansa. Em sua casa, em Andorinhas, num finzinho de tarde, ela falou com o esposo, Jeremias, rapaz negro, forte e alto:

- Jerê, eu vou ser mãe. Deus ouviu as nossas orações.

- Obrigado, Jesus! Muito obrigado, Senhor! Deus é fiel – disse Jeremias, com as mãos levantadas.

- A Dra. Cristina pediu que eu fizesse o ultrassom, mas a cota deles acabou. Eu só vou ter dinheiro no fim do mês e fico sem graça de pedir emprestado pra patroa. Me dá uns R\$ 50,00 pra fazer esse exame numa clínica lá em Jardim da Penha? – perguntou Adriane.

- Por você e pelo bebê, eu faço qualquer coisa, meu amor. Tá aqui o dinheiro – disse Jeremias, abrindo a carteira e dando a nota da onça à esposa.

Todo o pré-natal de Adriane foi normal. Ela não teve nenhum problema de saúde e os exames indicavam que tudo estava normal com a gestante e o bebê.

## **INDO PARA O HOSPITAL**

Às 03:00, a bolsa rompeu e começou o trabalho de parto. Era Pedro Henrique que queria vir para o mundo exterior.

– Gatinho, o nosso bebê tá a caminho. Me leva pro hospital – disse Adriane.

Adriane foi levada à Maternidade Maria Ortiz, no Centro de Vitória. Jeremias não pode acompanhar a esposa

## COMENSAIS DO CAOS

na sala de pré-parto. Ele não pode sequer passar da recepção.

Dr. Bernardo, o obstetra, fez um dolorido exame de toque para verificar a dilatação, que estava em quatro centímetros.

- Ô doutor. Tá doendo – falou Adriane, sentindo dor.

- Na hora de fazer, tava gostoso, né? – debochou Dr. Bernardo.

Adriane estava na sala de pré-parto. Constantemente, entravam médicos para fazer os exames de toque, que foram oito. A gestante levantou e queria se movimentar, mas Glória, a enfermeira, entrou no quarto e a impediu:

- A senhora não pode se mexer. Tem que ficar deitada até a hora do bebê nascer.

Às sete da manhã, Jessé, o enfermeiro, trouxe soro com ocitocina e aplicou na veia de Adriane. Ela começou a gritar de dor e ao mesmo tempo, pedia em espírito que Deus a levasse.

Quando chegou à sala de parto, andando e segurando o soro, Adriane foi colocada por Glória em posição ginecológica, igual a um frango assado. Rispidamente, Dr. Bernardo disse:

- Olha, se você gritar, eu juro que te deixo sozinha pra parir. Vai ter que se virar.

Fátima, a auxiliar de enfermagem, fez a tricotomia, que é a raspagem dos pelos pubianos.

- Ô, minha filha, vai devagar, tá – reclamou Adriane.

- Eu faço isso todo dia. Sei o que tô fazendo – respondeu Fátima, de forma grosseira.

Vieram as contrações e Dr. Bernardo mandou Adriane fazer força. Abatida pela dor, Adriane não conseguiu fazer força e Jessé subiu na barriga da jovem e empurrou a primeira vez.

Como o bebê não saiu, o médico fez uma episiotomia, que é um corte na vagina e Jessé subiu mais uma vez na barriga de Adriane e assim, veio ao mundo Pedro Henrique, cheio de manchas roxas pelo corpo.

Adriane pôde ver seu bebê de longe, que foi levado para tomar banho e fazer exames. Dr. Bernardo puxou o cordão e apertou a barriga para que a placenta saísse. Ele disse à Adriane:

- Eu vou te dar alguns pontinhos.

Adriane não foi anestesiada e sentiu cada ponto e contorcia-se de dor.

- Não tô conseguindo dar um ponto. Você não para quieta.

- Com todo o respeito, doutor, mas tá doendo pra cacete.

- Vou te dar mais dois pontos que vão doer mais. Trata-se do ponto do marido.

- Que é isso, doutor?

- É um ponto que é dado pra que as coisas voltem a ser como antes. Pode ficar tranquila, esse ponto vai fazer você ficar uma mocinha, que nunca foi tocada por um homem.

O médico fez os pontos em Adriane e a deixou sozinha, na sala de parto, até que veio Fátima e a levou para a sala de pós-parto. Prontamente, trouxeram Pedro Henrique,

## COMENSAIS DO CAOS

mas ele não queria mamar. Adriane comentou com Jessé, que ironizou:

- Isso é frescura. Quando ele tiver com fome, ele mama.

Horas depois, Adriane conseguiu amamentar Pedro Henrique. Jeremias pôde ver o filho pela primeira vez.

- Jerê, eu acho que se a gente tiver um outro filho, ele vai nascer de cesária – disse Adriane.

- O que aconteceu, minha flor? – perguntou Jeremias.

- Fui muito humilhada nesse hospital. Sofri demais nesse parto normal. Me puseram no soro, foi uma dor terrível, o médico foi grosso comigo, o enfermeiro subiu na minha barriga, o bebê nasceu roxo. Foi horrível – respondeu Adriane.

- Em compensação, nosso bebê nasceu vivo e saudável – falou Jeremias.

- Nasceu lindo e fofo que nem o pai – respondeu Adriane.

Quando Adriane se preparava para deixar a maternidade, Jessé disse:

- Tchau. Até o ano que vem.

- Vou precisar voltar o ano que vem pra fazer alguma outra avaliação?

- Você volta, sim. Mulher pobre é tudo assim. Ano que vem, volta pra ter outro.

Adriane levantou um dedo para Jessé.

**MAXWELL DOS SANTOS**

# **ISADORA, 20 ANOS**

**D**entro do seu Camaro amarelo, dirigindo pela Avenida Saturnino de Brito, Guilherme tirou seu iPhone 5S do bolso e ligou para Isadora:

- Alô, Isadora. É o Guilherme.

- Oi, Guilherme.

- Isadora, você tá em casa? Eu quero te ver.

- Tô em casa, sim. Pode dar um pulo aqui. Quero muito te ver, meu tigrão.

- É mesmo, minha tigresa? Não paro de pensar em você. Daqui a pouco, tô chegando.

- Tá bom, então. Um beijo, gatão.

- Um beijo, meu anjo.

Aquele moreno claro, de cabelo preto, olhos verdes, com 1,90 m de puro músculo e barbudo, foi ao encontro de sua amada, uma exuberante loira de 1,65 m, olhos castanhos, cabelo cacheado e peituda.

O relógio marcava 20 horas, quando Guilherme chegou ao prédio onde Isadora morava, em frente à Praia de Camburi. Identificou-se ao porteiro, pegou o elevador e chegou ao 7º andar e bateu à porta.

- Cheguei só pra te ver – respondeu Guilherme.

- Entra aí, porque a noite promete – falou Isadora, pegando Guilherme pelo colarinho da camisa.

O quarto dela era equipado com uma cama de solteiro, um guarda-roupa, uma cômoda, uma mesa, uma televisão, um aparelho de som, um DVD player, um computador e uma multifuncional. Havia também um mural de fotos, com as amigas nas micaretas.

No quarto, Guilherme beijou o pescoço de Isadora, que ficou excitada. Depois, ele tirou a camisa. Eles fizeram sexo na cama. O rádio estava ligado e tocava *Como dois animais*, de Alceu Valença. Depois disso, Guilherme levantou e acendeu um cigarrinho de palha.

– Foi a melhor noite da minha vida, Isadora. Definitivamente, você me faz um homem. A outra me faz parecer um menino de onze anos – disse Guilherme.

-Você mostrou que realmente sabe satisfazer uma mulher. Os outros carinhas que já amei, me faziam parecer uma menininha virgem tocada pela primeira vez. Geralmente, um menino de onze anos ainda tá brincando de carrinho. E a menina, coitada, nem menstruou e ainda tá brincando de boneca com as amiguinhas – falou Isadora, dando uma ruidosa gargalhada.

## **EU TÔ GRÁVIDA**

Isadora coletou urina para colocar no teste de gravidez, comprado na farmácia. O indicador mudou de cor, o que significava resultado positivo.

Ela repetiu o teste por duas vezes com outros kits, dando o mesmo resultado e chorou de alegria. Isadora contou a novidade a Guilherme:

- Gui, eu fiz o teste de gravidez por três vezes e deu positivo. Eu tô grávida.

- Então, eu vou ser pai? – perguntou Guilherme.

- Sim, Guilherme. Nós vamos ter um filho – respondeu Isadora, com os olhos cheios de lágrimas.

## NOSSO ACERTO DE CONTAS

Isadora, grávida de dois meses, estava na sala, cada vez mais desconfiada de que Guilherme lhe traía. Na dúvida, ela ligou para o celular dele e deu “fora da área de cobertura ou desligado pelo cliente”.

Depois, ligou para o dono da Hermes Distribuidora, seu Lourival Nonato, onde seu amado era gerente:

- Alô, seu Lourival. É a Isadora, mulher do Guilherme. Desculpa por tá ligando pro senhor a essa hora, mas queria saber se o senhor o viu.

- Guilherme veio trabalhar hoje e foi embora às 18 horas.

- Tá bom. Obrigada.

- De nada.

Isadora ficou bastante irritada. Ela ligou para a casa da mãe do Guilherme, dona Célia.

- Alô, dona Célia. É a Isadora. Guilherme tá aí?

- Olha, Isadora. O Guilherme passou aqui só na hora do almoço.

- Tá bom. Obrigada.

Isadora pôs o telefone no gancho. Já eram mais de 23 horas. Guilherme abriu a porta da sala e entrou no apartamento. O tempo fechou.

- Isso é hora de chegar, Guilherme de Oliveira Lima Júnior? Onde você tava enfiado? – perguntou Isadora, com o tom de voz elevado.

- Ué, Isadora, eu tive uma reunião com os donos da

empresa – mentiu Guilherme.

- Deixa de ser mentiroso, cara. Seu Lourival disse que o expediente terminou às 18 horas – gritou Isadora.

- Eu juro por Deus que eu tava trabalhando, é verdade – mentiu Guilherme outra vez.

Isadora sentiu um cheiro de perfume estranho no pescoço de Guilherme.

- Que perfume é esse que você tá usando? Parece perfume barato de rapariga de beira de estrada – perguntou Isadora, já a ponto de explodir.

- O perfume que tô usando foi dado por minha mãe, no dia do meu aniversário – prosseguiu Guilherme na mentira.

- Para de mentir, seu cachorro, safado, sem vergonha! Confessa de uma vez que você tem outra! Porque sua mãe é uma senhora de bom gosto e jamais compraria um perfume tão barato, ainda mais esse aí de rapariga – gritou Isadora, estapeando o ombro de Guilherme.

- Não me enche o saco, Isadora! Vai ver se tô lá na esquina, sua ordinária – gritou Guilherme.

- Ordinária é a sua trajetória! Matava aula pra jogar fumar maconha, seus pais pagavam pra você passar de ano, engravidou a Paulinha e fez a cabeça dela pra abortar. Ela abortou e até hoje, vive atormentada pela culpa e vive chorando pelos cantos. Você destruiu os sonhos dela e eu não vou permitir que você destrua os meus – gritou Isadora, chorando.

- Ai, Isadora. Me poupe do seu vitimismo – zombou Guilherme.

## COMENSAIS DO CAOS

– Eu vou te mostrar quem vai ser a vítima – gritou Isadora.

Isadora pegou um vaso e arremessou contra Guilherme, que desviou e tentou detê-la. Ela se soltou do amásio e deu-lhe um chute nos “países baixos”, que o fez cair no chão. Isadora pegou o punhal no chão para matá-lo, mas só conseguiu acertar-lhe o braço e mais uma vez, foi detida por Guilherme.

De repente, Isadora percebeu que seu vestido estava sujo de sangue, assim como o chão. Ela se desesperou, pois estava tendo um princípio de aborto.

– Não, não acredito! Meu Deus, eu tô sangrando. Guilherme, me ajuda! – gritou Isadora.

Guilherme virou-lhe as costas e saiu do apartamento.

Isadora arrastou-se em direção ao telefone e ligou para Karla, sua amiga de longa data, pedindo-lhe desesperadamente para que a levasse para o pronto-socorro do Hospital Santo Amaro, em Jardim Camburi.

Ao chegar ao hospital, a jovem foi encaminhada ao Dr. Serapião Gonçalves, que não lhe cumprimentou, ao saber de sua idade gestacional e ver a quantidade de sangue exposta, secamente disse:

– É um aborto. Torça para que o sangramento continue e não necessite fazer uma curetagem.

Isadora caiu no choro.

– Você é jovem e terá outros filhos – falou o médico.

Todos os enfermeiros e técnicos de enfermagem daquele hospital olhavam Isadora com olhar de desprezo, como

se ela tivesse provocado o aborto, quando na verdade, era um aborto espontâneo e lhe ignoravam. Por mais que ela dissesse que ela perdeu o bebê, diziam: “Aham, sei”

No dia seguinte, Isadora foi submetida à curetagem para remoção dos restos fetais. Não houve anestesia e a jovem teve que suportar as dores atrozes.

**COMENSAIS DO CAOS**

# **CAMILLA, 18 ANOS**

**P**or trás da aparência frágil provocada por seus 1,53 cm de altura, pele branca como a neve, cabelos negros e voz doce e melodiosa, Camilla escondia um temperamento rebelde e autodestrutivo.

Não trabalhava, nem estudava. Desde os 14 anos, era dependente de drogas. Tudo começou, num fim de tarde, quando Camilla e seus colegas foram para a Praça do Cauê, após serem liberados mais cedo das aulas. Diego abriu sua mochila e tirou uma bucha de maconha, um pacotinho contendo duas pedras de crack, um cachimbo e um isqueiro.

Ele abriu a bucha, pegou a erva, colocou no cachimbo, abriu o pacotinho, colocou as pedras no cachimbo e com o isqueiro, acendeu o *fristo* (a mistura de crack com maconha). Deu umas tragadas e passou o cachimbo para o irmão Diogo, que pitou um pouquinho e passou o cachimbo para Flávia, que fumou horrores e passou para Camilla, fazendo cara de quem não gostou.

- Qual é, Camilla? Deixa de ser boba, menina! Curte um barato com a gente – disse Flávia.

- Ah, não sei, Flávia – hesitou Camilla.

- Se você não fumar com a gente, vou fazer a turma parar de falar com você. Quer ficar isolada da turma? – ameaçou Flávia.

- Não, não. Eu fumo com vocês – respondeu Camilla, com medo.

Coagida, Camilla deu algumas tragadas no cachimbo com *fristo*. Ela sentiu um forte arrepio na espinha. Com o passar do tempo, Camilla se entediou com o *fristo* e passou a consumir o crack puro, que comprava de Hey Joe, um trafi-

## COMENSAIS DO CAOS

cante de Jardim da Penha, branco, loiro, olhos verdes, cabelo rastafári, vestido com roupas de surfista.

De longe, parecia ser um rapaz bonito, de boa aparência e acima de qualquer suspeita. Tamanha formosura escondia um homem frio e ganancioso que vendia além de crack, maconha, cocaína e o tal *fristo* nas portas das escolas da região da Praia do Canto. Na porta e dentro das raves, ele vendia ecstasy e LSD.

Camilla se prostituía em troca de quaisquer vinte reais para que pudesse sustentar seu vício. Ela fazia seus programas dentro do Hospital São Francisco, atualmente desativado. O estabelecimento, situado na Praia do Suá, outrora referência na cidade, hoje é um cenário de completa destruição: vidros quebrados, paredes pichadas, salas destruídas, muito mato, lixo espalhado por todos os lados e camisinhas espalhadas pelo chão.

Era alta madrugada. Zé Pereira, pescador, moreno alto e musculoso e olhos verdes, aparentava uns trinta anos, passava pela rua das peixarias. Camilla o viu e foi atrás dele.

- Ei, gatinho. Tá a fim de fazer um programa comigo?  
- indagou Camilla, com um tom de voz meloso.

- Quanto você cobra? – perguntou Zé Pereira.

- Vinte reais – respondeu Camilla, empolgada

- Eu topo – disse Zé Pereira.

Camilla levou Zé Pereira para o hospital abandonado, onde despiu-se e entregou-se àquele desconhecido, em troca de dinheiro para sustentar seu vício.

## DISCUSSÃO NA PRAÇA

Faltando alguns minutos para o fim do expediente na loja onde trabalhava, Flaviane, a irmã de Camilla, combinou com Dinho, seu primo, de armar um flagra na Pracinha do Cauê. Eles seguiram Camilla, grávida de três meses, sem que ela percebesse. Ao chegar à Praça do Cauê, encontraram-na fumando pedra no cachimbo. Flaviane não suportou a situação e disse:

- Muito bem, dona Camilla. Fumando pedra em praça pública...

- Eu não tenho que dar satisfações da minha vida a seu ninguém! Se quiser fumar, eu fumo. Eu sou livre pra decidir sobre mim mesma e sobre meu corpo! Sou maior de idade, a decisão é minha! – gritou Camilla.

- Você é livre para decidir sobre si mesma. O problema é quando as liberdades individuais afetam direitos de terceiros. Você tá fumando crack em praça pública, na frente de crianças e adolescentes. Tá doida? – perguntou Flaviane.

- Uau, eis a defensora dos frascos e comprimidos – ironizou Camilla, soltando fumaça de crack na cara de Flaviane.

Flaviane começou a chorar. Dinho, de longe acompanhou a conversa. Ele disse:

- Pelo amor de Deus, se é que você crê nEle, largue essa pedra, enquanto é tempo!

- Vá pro inferno, se é que ele existe, Dinho. Vamos fazer uma campanha em defesa da vida? Que cada um cuide da sua, cara! Não enche o saco. Vai ver se tô lá na esquina –

## COMENSAIS DO CAOS

gritou Camilla.

- A gente só quer o seu bem, Camilla. Eu não posso ver minha irmã se autodestruindo com uma pedra. Abandona logo essa pedra – disse Flaviane, chorando.

- Ah, Flaviane, você já tá ficando chata! – respondeu Camilla.

- Sabe que eu acho, que você é uma grande perdedora, que precisa da droga pra fugir da realidade e preencher um vazio da alma – gritou Dinho.

- Qual foi a parte do metam o pé daqui que vocês não entenderam? – gritou Camilla.

- Vamos embora, Dinho. Não há mais nada que possamos fazer por ela. Chega de malhar em ferro frio – falou Flaviane.

- Deixa ela fumar essas pedras, até cair dura no chão, morta – gritou Dinho.

- Não fala isso não, Dinho. Tira essa raiva do coração – disse Flaviane.

## OVERDOSE DE CRACK

Flávia carregava uma caixa com um narguilé e um saco preto cheio de pedras de crack. Ela encontrou Camilla na Reta da Penha:

- Oi, Flávia. Que caixa é essa?

- Calma, Camilla. Como Jack Estripador, vamos por partes. Dentro dessa caixa, tem um narguilé e um saco com pedras de crack.

- Legal.

- Vamos pra debaixo da Ponte da Passagem e aí, a gente fuma essas pedras no narguilé.

- Massa!

Discretamente, as jovens foram para debaixo da ponte, onde puseram as pedras de crack no narguilé e aspiraram a fumaça do crack pelas mangueiras. Em menos de meia hora, começaram a ter convulsões.

Orlando, o guarda municipal, fazia o patrulhamento no entorno da ponte e viu Flávia e Camilla agonizando. Rapidamente, ele acionou o SAMU, que socorreu as jovens e as levou para o Hospital Estadual São Miguel.

Na UTI, Camilla lutava por sua própria vida. Dinho e Flaviane rezavam por ela, que respirava com a ajuda de aparelhos, mas estava consciente. Com a voz trêmula, ela disse à Flaviane:

– Flaviane, sinto que minha hora tá chegando. É a vida me mandando a fatura pelos excessos que cometi.

– Não diga isso. Você tem uma vida pela frente, minha linda. Além disso, você tem um bebezinho que depende de você. Não se renda, Camilla. Eu te amo muito – respondeu Flaviane.

– Quero te agradecer pelos dezoito anos de alegrias que você me proporcionou com seu amor e sua meiguice. Quem dera se eu tivesse a quinta parte de suas virtudes. Em toda a minha vida, fui egoísta e hedonista, sem medir as consequências – falou Camilla.

Dinho chegou perto de Camilla e falou:

– Não vá, Camilla. O que vai ser da gente sem você?

## COMENSAIS DO CAOS

– Dinho, me perdoa por ter sido grossa com você lá na Pracinha do Cauê. Se pudesse voltar ao tempo, teria recusado aquele fristo na Pracinha do Cauê. O meu corpo tá parando eu vejo tudo escurecer...

Às 09h05min, o coração da jovem parou de funcionar. Os médicos usaram o desfibrilador por duas vezes, no afã de restabelecer os batimentos cardíacos, mas só foi na terceira vez que o coração de Camilla voltou a bater.

Após muita luta, Flaviane conseguiu internar à força sua irmã na Clínica Vila Esperança, em Cachoeiro de Itapemirim. Tempo suficiente para que ela se recuperasse do vício. Ela estava com uma aparência mais saudável quando sua irmã apareceu na clínica para buscá-la. Camilla já ostentava uma barriga de nove meses.

## O TRABALHO DE PARTO

Camilla começou a sentir as dores do parto:

– Flaviane, por favor, me ajuda!

Flaviane entrou no quarto de Camilla e se espantou ao ver o estado da irmã, que olhou para ela. As lágrimas escorreram pelo rosto da jovem, que apertou a barriga e chorou mais. A irmã de Camilla se aproximou e colocou a mão sobre a testa dela e seu olhar era compassivo.

– Vai ficar tudo bem, nós vamos agora pro hospital – disse Flaviane.

Flaviane ajudou Camilla a levantar, apoiando-se nela e as duas saíram do quarto.

Dinho foi em direção à porta da casa de Camilla. Antes que ele chegasse, Camilla e Flaviane saíram. Ele foi em direção às primas, muito apressado.

– O que houve? – perguntou Dinho.

– Ela tá com contrações. Ela apenas balbucia as palavras, a dor tá muito forte – respondeu Flaviane.

Dinho olhou para Camilla e disse:

– Vai ficar tudo bem, a gente vai dar um jeito.

O rosto de Camilla sorriu fracamente e empalideceu. Dinho a segurou, pegou no colo e a levou em direção ao seu carro. Ele acelerou para chegar à Maternidade Maria Ortiz. Camilla gemia dentro do carro.

– Calma, meu anjo. A gente já tá chegando – disse Flaviane, afagando Camilla.

A irmã de Camilla, com a ajuda de Dinho, a retirou do carro, pois ela caminhava com dificuldade e segurando a barriga.

Rogério, recepcionista do hospital, disse para Camilla:

– No momento, a gente tá sem leitos. O ultrassom tá quebrado e não tem como ver como tá seu bebê.

Desapontada, Camilla saiu do hospital sem atendimento e voltou para o carro, seguindo para a Maternidade Sueli Veiga. Após passar pela recepção, meia hora e mesmo com o apelo de urgência, não foi atendida rapidamente.

A jovem, sentindo muitas dores, gritava sem parar, em meio a pedidos inúteis de ajuda. As contrações foram aumentando e com elas, vieram gritos agudíssimos de dor.

Flaviane, indignada com o descaso do hospital para

## COMENSAIS DO CAOS

com sua irmã, levantou-se e foi à enfermaria conversar com Leona, a enfermeira responsável pelo plantão:

– Minha irmã tá com contrações, esperando mais de meia hora por atendimento e até agora, ninguém veio ajudá-la.

– Senhora, eu recomendo que leve sua irmã pra outro lugar, porque a doutora Lucrecia tá fazendo um parto e todos os leitos tão ocupados.

Nesse momento, Camilla sentiu que a bolsa estourou. Quinze minutos depois, ela entrou em trabalho de parto, onde se via nitidamente metade dos pés da cabeça até os joelhos. Uma paciente, ouvindo os gritos daquela jovem, saiu da enfermaria e foi ajudá-la, puxando a criança, saindo o tórax, mãos e ombro.

A criança se mexia. Camilla estava sem forças. Quando chegou a parte da cabeça, a vagina se fechou e a criança morreu estrangulada. Aquele bebê se debateu por três minutos.

Uma enfermeira, saiu para atender a mãe, com uma bandeja na mão e um pano verde-claro. Mas já era tarde. Ela tirou pano e cobriu o bebê morto, que estava ainda pendurada pela vagina de Camilla.

Doutora Lucrecia correu para prestar atendimento, quando foi informada que a paciente era a mesma a quem ela disse havia dispensado. Camilla foi atendida já às 2h07-min, levada para a enfermaria do hospital em uma maca e não parava de chorar.

A criança morta se chamaria Paulo César e foi enter-

**MAXWELL DOS SANTOS**

rada à tarde, no Cemitério de Maruípe. Camilla ficou no hospital e não pôde despedir-se do filho, assassinado pela omissão e incompetência de uma médica e uma enfermeira.

COMENSAIS DO CAOS

# DÉBORA, 21 ANOS

**D**ébora voltava do estágio na agência de publicidade Clio e Calíope, no setor de criação e naquele dia, foi ao apartamento de seu namorado, Leonardo, um moreno claro, olhos verdes, musculoso e careca, na Rua Constante Sodré, mas o viu agarrado aos beijos com uma morena alta e malhada chamada Tatiana, que ela julgava ser sua melhor amiga. Ao ver essa cena, Débora começou a chorar e saiu correndo. Leonardo, na maior cara de pau, foi atrás dela, dizendo:

– Peraí, Débora! Eu posso explicar...

– Eu vi tudo, Leonardo! – respondeu Débora, gritando e chorando muito – Vai me explicar o quê? Bem que mamãe e minhas amigas falaram que você é um conquistador barato, um egoísta que só pensa no seu prazer, mas eu, idiota, tava apaixonada por você, eu te amava de verdade e é assim que você me retribuiu? Com uma traição? Por que não disse que não queria mais? Assim eu sofreria menos. Seja feliz com ela, porque o amor entre nós dois acabou. Toma aqui o anel de compromisso fajuto e esquece que eu existo.

– Volta aqui, Débora – falou Leonardo.

– Vá pro inferno! – gritou Débora.

Tatiana, ao ver a cena, riu de Leonardo e disse:

– Ah, Léo, eu não sei se você é burro por nascença ou por maioria de votos. Como é que você ainda tem coragem de correr atrás dela?

– Eu queria me explicar pra ela, dizer que não queria mais – respondeu Leonardo.

– Podia ter se explicado em outra oportunidade, que não fosse num flagra de traição. Fazer o quê? Agora é cada

## COMENSAIS DO CAOS

um pro seu canto e você nos meus braços – falou Tatiana, dando um beijo na boca de Leonardo.

Chegando ao seu apartamento, na Rua Aleixo Netto, Débora foi à cozinha e tomou meia garrafa de Absolut para esquecer o que ocorreu e de tanto beber, desmaiou no chão.

No dia seguinte, Débora acordou com uma ressaca terrível e não se lembrou do que aconteceu naquela noite. Ela foi para a cozinha tomar o café e sentiu que ele não tinha gosto. Em seus olhos, havia uma nuvem de lágrimas. Parecia que nada fazia mais sentido na vida daquela jovem. Seu mundo caiu.

## UFC NA FEIRA

No Barro Vermelho, ocorria a feira orgânica e Otto, o primo de Débora, 25 anos, loiro alto e corpulento, aproveitou o dia de folga para comprar coentro, tomate, cebolinha e salsa para sua esposa. No jantar, teria moqueca! De repente, Leonardo passou pela feira, mas ao ver Otto, tentou desviar o caminho, mas ele se aproximou do agora ex-namorado de sua parenta e disse:

– Pra onde você pensa que vai, seu viadinho? Você sabia que por sua causa, Débora bebeu até cair? Eu nunca fui com sua cara de galinha, que se aproveita de menininhas inocentes. Como é que ela foi se apaixonar por um canalha como você? Você sabia que Débora fez um juramento perante Deus pra se manter casta até o casamento? Quem ama, espera e eu acho que você nunca amou Débora de verdade, pe-

dia insistentemente que ela fizesse amor contigo e como ela não cedeu, foi se aventurar com a Tatiana. E os dois ficaram se esfregando no meio da rua e Débora viu tudo. A vontade que tenho é de te encher de porrada, velho! Você não vale um real.

– Só lamento que Débora tenha bebido até cair. Eu não sabia que ela gostava de enfiar o pé na jaca, ainda mais por causa de homem. Relação de homem e mulher é assim mesmo, ou dá ou desce. É assim que funciona. Esse lance de “quem ama, espera” é uma invenção desses crentelhos fundamentalistas ou desses católicos santarrões. Homem é que nem lata. Uma chuta, a outra cata. Por isso, eu fui pros braços de Tatiana, porque ela é mais liberal e mais fogosa que a Débora, que é geniosa e paga de santinha. Simples assim. Se gostou, bem. Não gostou, passar bem.

– Como é que é, seu desgraçado? Você tá achando que a minha prima é alguma mulher de vida fácil que tá à sua disposição? Dá ou desce? Como é que é? Se tá a fim de alguém pra fazer sexo, pega a parte dos classificados do jornal e procura por acompanhantes.

– Não tô a fim de gastar dinheiro com garotas de programa. Débora só seria mais uma conquista no meu currículo...

Otto deu um soco na cara de Leonardo, que revidou com um chute nas costas, pegou uma pedra e acertou o rapaz com uma pedrada na cabeça.

Os fregueses e feirantes que presenciaram a discussão, revoltaram-se com a covardia de Leonardo e foram em direção dele, no sentido de agredi-lo. A pacata feira de bairro

## COMENSAIS DO CAOS

transformou-se numa praça de guerra. Os nervos estavam à flor da pele.

Num determinado momento, Leonardo atirou pedras contra seus agressores e derrubou as barracas dos feirantes, fazendo as mesmas desmoronarem.

– Isso não é da conta de vocês, ninguém tem que meter o bedelho. Quem tentar a sorte comigo, eu meto pedra na testa pra abrir calombo e destruo a barraca – gritou.

Nesse momento, chegaram os agentes da Guarda Municipal e da Polícia Militar, que protegeram o rapaz de ser linchado pelos populares. Ele foi levado para a Delegacia da Praia do Canto, onde foi autuado por lesão corporal e dano ao patrimônio. Pagou uma fiança de R\$ 2.000,00 e foi liberado.

## DÉBORA E FÁBIO

Débora fazia o sexto semestre de Publicidade e Propaganda na UniBraga (Centro Universitário Rubem Braga), em Jardim Camburi. Era uma aluna que só estudava para passar de ano, mas que se esforçava para manter seu coeficiente de rendimento alto.

Fisicamente, era uma menina branca, 21 anos, cabelo ruivo e liso, olhos verdes, rosto corado que parecia um pêssego, com 65 quilos distribuídos em 1,65 m.

No curso, a sua melhor amiga era Marianna, menina meiga e altruísta. Era morena clara, pequenininha (um metro e cinquenta e sete), de olhos e cabelos castanhos lisos, com

franjinha e que usava presilhas em forma de florzinha no cabelo. Ao contrário de Débora, era muito aplicada nos estudos e tirava altas notas em todas as disciplinas. Tinha 21 anos. Nutria uma paixão por Douglas, um dos diretores da Empresa Júnior de Comunicação. Moreno alto e corpo de atleta, tinha 22 anos. Ele vivia atrás de Débora, que o esnobava.

Na aula de Produção Publicitária em Mídia Eletrônica – Rádio, o professor Daniel Barreto falou com os alunos:

– Pra próxima aula, vocês vão trazer o roteiro de um spot de 30 segundos numa folha à parte pra mim. Pode ser individual ou em dupla.

Débora era péssima em redação, mas no design gráfico, ela arrasava. Na turma, só tinha uma pessoa que poderia ajudá-la: Fábio, 21 anos, com feições indígenas, 1,70 m, magrinho, olhos castanhos e cabelos pretos e lisos. Ele era o cérebro em fazer textos. Nas horas vagas, gostava de escrever contos e crônicas. No corredor da faculdade, Débora conversou com Fábio:

- Fabinho, meu anjo, preciso de um favor seu.

- O que você tá precisando, Débora?

- Tô precisando de alguém pra fazer o roteiro. Não fui muito bem na última prova e preciso tirar pelo menos sete nesse trabalho pra não ficar de prova final.

- Te ajudo, sim. Mas como é que a gente pode se encontrar?

– Eu moro na Praia do Canto, na Rua Aleixo Netto, Edifício Michelangelo, apartamento 304. Passa lá amanhã, às quatro e meia da tarde. Você me ajuda, lancha comigo e a gente vai junto pra faculdade. Nos vemos amanhã.

## COMENSAIS DO CAOS

- Tá bom.

No dia seguinte, Fábio foi ao apartamento de Débora. Girlaine, a doméstica, abriu a porta e o atendeu:

- Você que é o Fábio, amigo de Débora?

- Sim, sou eu. Qual é o seu nome?

- Boa tarde. Meu nome é Girlaine, eu trabalho aqui. Entre e sente no sofá. Eu vou chamar a Débora.

A empregada foi ao quarto de Débora e disse:

- Débora, o Fábio chegou. Ele tá na sala.

- Tá bom. Já tô indo.

Débora saiu do quarto e foi à sala. Fábio divertia-se com o seu iPad, jogando Angry Birds, enquanto esperava Débora. Ela se aproximou dele e disse:

- Boa tarde, Fábio. Que bom que você chegou. Vamos pra cozinha?

- Vamos – respondeu Fábio, saindo do sofá.

Durante duas horas, Fábio ajudou Débora a fazer o roteiro. Lanchou com ela e foram juntos para a faculdade.

Já na UniBraga, Débora colocou o trabalho no escaninho do professor. Horas depois, toda alegre, ela foi à carteira de Fábio e falou:

- Fábio, valeu mesmo pela ajuda. Você salvou a minha vida, cara. Você é o máximo!

Ela deu um beijinho no rosto de Fábio. Os colegas mais espirituosos fizeram gracejos. Débora aproveitou a oportunidade para transmitir um recado:

- Galera, domingo, vai rolar uma festa lá em casa. Open bar, uma ova! O lance agora é *all inclusive!* Comem e be-

bes à vontade. Vai custar R\$ 70,00. Quem tiver afim, é só me dar o dinheiro até sexta-feira, valeu?

## **E VAI ROLAR A FESTA**

Chegou o dia da festa no apê de Débora. Às 20 horas, os convidados chegaram. Os comes e bebes rolaram como prometido: Red Label, Absolut, Big Apple, suco gummy, caipirinha, pau na coxa (vinho batido com leite condensado), enroladinhos, canapés, quibes, esfirras, pasteizinhos, sem contar a tábua de frios, com vários tipos de queijos, presuntos, palmitos e azeitonas.

Douglas se aproximou de Débora e disse:

- E aí, Débora. Pode ser ou tá difícil?

- Ah, Douglas, vai te catar! – disse Débora, empurrando Douglas.

Douglas, sentindo-se humilhado por Débora, saiu da festa. Marianna ficou triste com a saída repentina dele.

Fábio também estava presente na festa, conversando com os gêmeos Pedro e Paulo, 22 anos, morenos claros, cabelos lisos e estatura mediana. Faziam o curso de Produção Audiovisual na mesma faculdade que Débora.

– Pedro, seu pilantra, quando é que você vai me devolver o CD do System Of A Down que você pegou pra transformar em mp3? – perguntou Fábio – Há um mês que você pegou e não devolveu.

- Amanhã levo o CD de volta pra você. Demorei pra te devolver, porque o meu gravador de CD deu pau e tive que comprar outro – respondeu Pedro.

## COMENSAIS DO CAOS

- Ah, tá. Faz uma cara que tô caçando o LP Grito Suburbano<sup>1</sup> e não o acho nem a pau – disse Fábio.

- É um disco muito raro, cara. Quem tem, não vende e quem vende, pede um preço muito alto. Só não é mais caro que o primeiro disco de Roberto Carlos, *Louco por você*, que por razões pra lá de cavernosas, o Rei até hoje renega e não deixa lançar em CD – asseverou Paulo.

- Meu TCC vai tratar das estratégias de divulgação dos discos de punk nos anos 80 – falou Fábio.

Débora fixou o olhar em Fábio, superempolgado com a conversa sobre discos de punk, não percebeu os olhares da ruiva. No som, tocava *Diamonds*, de Rihanna. Ela disse à Marianna:

- Marianna, fala pro Fábio ir pro meu quarto.

Marianna aproximou-se de Fábio e disse:

- Fábio, a Débora tá querendo conversar com você no quarto dela.

- Fala pra ela que já vou.

Fábio abandonou a conversa com os gêmeos e entrou no quarto de Débora, que falou:

- Senta aqui na minha cama.

Débora lançou seu olhar fatal sobre aquele rapaz. Afagando suas mãos, ela perguntou:

- Você tem namorada?

- Não – respondeu Fábio.

---

<sup>1</sup> Primeiro álbum compilação de punk nacional lançado no País. Foi lançado em 1982 pelo selo Punk Rock Discos e trazia as bandas Inocentes, Olho Seco e Cólera.

- Você é virgem? – perguntou Débora, passando a mão no rosto de Fábio.

- Sim – respondeu Fábio, envergonhado.

Débora percebeu que Fábio ficou constrangido com as perguntas. Ela sentou em seu colo e lhe deu um beijo na boca. O coração de Fábio disparou, a ponto de ficar sem fôlego para respirar.

- Você me promete duas coisas: A primeira é que você vai se guardar pra mim e a segunda, que você não vai contar pra ninguém o que ocorreu aqui, tá? – disse Débora.

- Prometo – respondeu Fábio – bastante atônito.

Fábio saiu do quarto de Débora e voltou a conversar com os gêmeos.

- Ô Fábio, na moral, que cargas d'água Débora queria com você no quarto dela? – perguntou Paulo.

- A gente falou coisas banais – disfarçou Fábio.

- Quantas banalidades... - ironizou Paulo.

- Vá chupar prego, Paulo – gracejou Fábio.

Débora voltou para a sala. Ela tomava uma garrafa de Ice. As caixas de som ecoaram os acordes de *She Wolf*, de David Ghetta, com participação de Sia. Marianna se aproximou da amiga e disse:

- Débora, por que o Douglas foi embora?

- Ah, Marianna, é porque ele me deu uma cantada barata e dei um chega pra lá nele, que ficou nervosinho e meteu o pé.

- Amiga, eu tô apaixonada pelo Douglas, mas tenho vergonha de me declarar...

- Investe nele, amiga. Vocês fariam um casal lindo.

## COMENSAIS DO CAOS

Nasceram um para o outro.

### SE JOGA!

Débora mudou radicalmente seu comportamento após ter sido traída por Leonardo: abandonou a igreja, passou a vestir-se de forma mais provocante, a envolver-se em relacionamentos breves e tratar os homens de maneira fria. Ficou pessimista e cética diante de tudo e de todos. Acreditava que menina boazinha só se dava mal e que os homens eram todos canalhas.

Naquele dia, aconteceria o churrasco de aniversário de 22 anos de Marianna. Ela era prima de Fábio por parte de pai.

Débora saiu de casa toda maquiada com batom vermelho, lápis no olho, rímel nas sobrancelhas, pó no rosto, brincos de argolas, muitas pulseiras, vestindo um top e saia curtinha, mostrando o piercing no umbigo. O que aquela jovem queria naquela tarde era mesmo se divertir.

A confraternização de passagem de aniversário da amiga de Débora ocorria no quintal da casa, em Jacaraípe. A churrasqueira elétrica funcionava a todo vapor, assando pedaços de linguiça de frango, picanha, asinha e pão de alho. As pessoas bebiam por todos os lados. Havia copos espalhados por todo o quintal.

O cheiro de carne assando era forte. O som alto tocava *Don't You Worry Child*, do Swedish House Mafia e em seguida, *Wake Me Up*, do Avicii. A música parou e os convida-

dos bateram palmas, cantando *Parabéns pra você*:

– *Parabéns pra você/Nesta data querida/Muitas felicidades/Muitos anos de vida/Parabéns pra você/Nesta data querida/Muitas felicidades/Muitos anos de vida/É big, é big/É big, é big, é big/É hora, é hora/É hora, é hora, é hora/Ra-tim-bum/Marianna/Marianna/Marianna.*

Marianna assoprou a velinha em forma do número 22, que representava a sua nova idade. Douglas chegou ao churrasco. Ele se aproximou de Marianna e disse:

– Parabéns, Marianna. Que Deus continue te abençoando e que você continue essa menina-mulher que encanta a todos pela sua meiguice e pelo jeito carinhoso de cuidar das pessoas.

– Obrigada pelo carinho, querido – disse Marianna, abraçando Douglas.

– Marianna, tem uma coisa que quero falar com você – falou Douglas.

– Pode falar, meu lindo – respondeu Marianna, com um sorriso.

– Eu tô apaixonado por você. É algo mais forte do que eu. Desde o primeiro dia de aula onde te conheci, eu me encantei por você. É algo que não dá pra deter – disse Douglas, que deu um beijo na boca de Marianna.

Débora, visivelmente embriagada, caminhou para o outro lado do quintal e viu Fábio, o seu amigo de faculdade. Ele não parava de olhar a jovem, que se aproximou dele e afagou suas mãos.

– Hoje, você vai ser meu e eu serei sua – falou Débora, ao pé do ouvido de Fábio.

## COMENSAIS DO CAOS

Débora e Fábio se arrastaram pelo quintal, trocando carícias e beijos e entraram na casa de Marianna, seguindo dois, viu tudo aquilo incrédula. Ela abriu a porta do seu quarto para os dois, que se despiram e fizeram a relação sexual na cama. Os corpos interligados atingiram o orgasmo.

Débora conversou com Fábio:

– Agora, ninguém mais vai duvidar da sua masculinidade, meu garanhão. Quando te perguntarem com quem foi a sua primeira vez, você responde: foi com a Débora, amiga da minha prima Marianna.

– É mesmo. Me sinto o cara mais sortudo do mundo.

## UMA GRAVIDEZ INDESEJADA

Débora dormiu até o meio-dia. Ela levantou, tirou o baby-doll, enrolou-se em seu robe, entrou no banheiro, encheu a banheira, pôs os sais de banho na banheira de hidromassagem, saiu do banho, foi para o quarto, pôs o uniforme, perfumou-se, maquiou-se e por fim, calçou o tênis.

Girlaine entrou no quarto e disse:

- Débora, o almoço tá servido.

– Valeu, Girlaine – respondeu Débora.

Débora estava na copa, almoçando em companhia de Marianna, onde puseram a conversa em dia:

– Marianna, a minha menstruação tá atrasada e tô enjoada.

– Você teve relações com alguém, Débora?

– Eu tive um lance com Fábio no churrasco do seu

aniversário. A gente ficou sem camisinha e me esqueci de tomar a pílula.

– Sua louca! Como é que você fica com o carinha sem camisinha? Você pode tá grávida!

– Eu não tô pronta pra ser mãe. Ainda tenho muita coisa pra fazer, como me formar, conseguir um emprego, fazer uma pós, arrumar um cara legal, noivar, casar e só depois, ter filhos.

– Compra um teste de gravidez na farmácia que usa o xixi. O resultado sai na hora.

Após o almoço, Débora escovou os dentes, limpou a boca, pegou a mochila que estava na cadeira e partiu de moto para a agência.

No banheiro da agência, Débora acariciava a barriga, num movimento inconsciente. Seu olhar estava preocupado.

“Isso não pode tá acontecendo, não comigo”, pensou a jovem.

No fim da tarde, Débora foi à farmácia. Ela parou duvidosa na entrada. Relutante, seguiu até o balcão. Havia uma balconista atendendo.

– Eu gostaria de comprar dois testes de gravidez – disse Débora.

A balconista agachou e pegou a caixa com os testes e os deu à Débora, que pagou com seu cartão de crédito e foi embora. No banheiro, à noite, Débora coletou a urina dentro do recipiente e depois colocou a fita indicadora dentro do mesmo. A fita mudou de cor, o que indicava gravidez.

– Não é verdade, não! – gritou Débora, chorando.

## A DECEPÇÃO DE FÁBIO

Fábio estava ansioso para ver Débora. Ele foi para a portaria do prédio e a esperou. Quando o portão da garagem se abriu e ela saía de moto, Fábio disse:

– Débora, Débora!

– Oi – respondeu Débora, asperamente – Eu tô com pressa.

Fábio tirou um buquê de flores, deu à Débora e disse:

– Você é o amor da minha vida, o sol da minha manhã, não sei viver sem seu calor. Aquele momento que tivemos juntos foi maravilhoso. Fica comigo.

– O que rolou lá na casa da Marianna só foi um pas-satempo. Tô arrependida de ter ficado com você. Eu nunca te amei. Só tive um desejo. Na real, eu tava chapadaça, não falava nada com coisa nenhuma – disse Débora.

– E o beijo que você me deu? E as carícias que você me fez? Eu tô apaixonado por você – respondeu Fábio, desesperado.

– Eu não quero nada com você. Para com essa cantilena de frases bregas que são piores que as músicas sertanejas dos anos 90. Passar bem e um bom dia! – disse Débora.

Fábio se enfureceu, chutando tudo o que encontrava pela frente. Os garis que varriam a rua riram dele.

## DESGRAÇA POUCA É BOBAGEM

Fábio, em sua moto, atravessou a Reta da Penha, en-

trou na rua Aleixo Netto e virou à direita para a rua Joaquim Lirio e entrou no Quincas Mall, um shopping de bairro, onde trabalhava como técnico de informática na Xique Data. Ao chegar à loja, foi abordado por Gilberto, o vendedor.

- Ei, Fábio, depois do almoço, o Heron vai fazer uma reunião com todos os funcionários – disse Gilberto.

- Beleza, Beto – respondeu Fábio.

O rapaz foi almoçar no Restaurante da Lili, que funcionava no centro comercial, onde saboreou um bife acebolado com arroz, feijão carioquinha de calda, macarrão e salada.

“Meu Deus, o que o Heron vai querer com a gente?”, pensou o jovem, preocupado.

Na loja, Heron, o dono da loja, um moreno claro, gordo, de estatura mediana, falou com os colaboradores:

- Boa tarde a todos. Essa noite, eu não consegui por minha cabeça num travesseiro, pensando como eu vou dizer isso com vocês. A empresa tá passando dificuldades financeiras por causa da perda de várias concorrências públicas. O proprietário da loja já me pediu o imóvel, porque não paguei o aluguel e, além disso, preciso ficar mais próximo da minha filhinha que tá com leucemia. A partir de amanhã, encerro as atividades da Xique Data e infelizmente, vocês serão desligados da empresa. Agradeço o empenho de cada um que deu o melhor de si para que a empresa crescesse nesses dezesseis anos de existência. Segunda-feira que vem, vocês podem passar aqui pra gente acertar o que cada um tem de receber de rescisão. Espero que me compreendam.

No fim da tarde, em frente à casa de Fábio, em São

## COMENSAIS DO CAOS

Cristóvão, havia uma grande aglomeração de pessoas e várias viaturas da Polícia Militar em torno de um corpo ensanguentado e crivado de balas.

Luan, o irmão gêmeo de Fábio, saiu de casa para comprar pão e leite, mas foi surpreendido por dois homens armados que estavam num carro prata com vidro fumê e dispararam 14 tiros no jovem, que morreu na hora. Ele era usuário de drogas e há vários dias, foi ameaçado de morte pelos traficantes por dever mais de R\$ 100 em crack.

Fábio, ao ver o irmão morto e ensanguentado, passou mal e foi amparado por parentes.

## O AMOR VENCEU

No dia seguinte, Fábio acordou disposto a pôr um fim à própria vida. Para ele, privado do amor de Débora, havia acabado de perder o emprego e ainda teve que enfrentar a morte do irmão, viver já não fazia mais sentido. Pegou a moto e pilotou em direção ao vão central da Terceira Ponte, desceu dela e se preparou para pular, quando uma mulher, buzinando forte e gritando alto da moto que passava:

– Fabinho, pelo amor de Deus, não faz isso. É um caminho sem volta!

Era Débora, que estava na garupa e pilotava a caminho da agência, no Centro de Vila Velha. Ela puxou Fábio pelo braço.

– Fábio, eu sei de tudo. A Marianna me ligou aos prantos, porque leu uma carta de despedida, onde você disse

que queria se matar porque te mandaram embora da empresa, que seu irmão foi assassinado e que eu te desprezava. Se você se atirasse dessa ponte, o remorso me atormentaria pelo resto da vida e uma criança ficaria órfã de pai – falou Débora.

– Órfã de pai? – perguntou Fábio, ainda sem entender nada.

– Eu vou ser mamãe e você vai ser papai. Simples assim – disse Débora, acariciando a barriga.

Lágrimas rolaram no rosto de Fábio.

– Nunca vi ninguém me amar assim de verdade como você. Eu te peço perdão por ter ferido seus sentimentos. Quero ter você do meu lado – disse Débora, chorando e abraçando Fábio.

– Na moral? – perguntou Fábio, ainda cético.

– Claro, seu bobo. Nunca falei tão sério em minha vida como agora. Você vai pra minha casa. A gente vai pra lá agora – respondeu Débora, dando um beijo na boca de Fábio.

Alguns motoristas ovacionaram e aplaudiram a cena, mas um motorista do Transcol mal-humorado reclamou:

– Até que horas vocês vão discutir a relação?

## **DESCOBRINDO O SEXO DO BEBÊ**

Meses depois, Fábio recebeu seus direitos trabalhistas e fez uma sociedade com Débora para montar um bureau de design gráfico numa loja perto do Triângulo das Bermudas. Feliz da vida, ele deixou cartões de visita do novo negócio

## COMENSAIS DO CAOS

nas lojas da Praia do Canto.

No meio da tarde, Débora chegou à loja e falou com Fábio:

– Oi, meu bem. Eu tenho uma novidade pra você. Fiz a ultra agora há pouco e vai ser um menino.

– Um menino. Eu vou ser pai de um menino – disse Fábio, com a cabeça inclinada na barriga de Débora.

– Sim, Fábio. Estamos grávidos de um menino – respondeu Débora, acariciando a cabeça de Fábio.

– Qual é o nome que a gente pode dar pra ele? – perguntou Débora.

– José, Augusto, sei lá – titubeou Fábio.

– José Augusto é um nome bacana. Taí, o nome do nosso menino vai ser esse – decidiu Débora.

## A CONVERSA COM A GO

Débora decidiu que faria parto normal e em casa, após ver vários vídeos de partos humanizados no YouTube e ouvir relatos de amigas e conhecidas que passaram por essa experiência.

Ela decidiu contar sua decisão à Dra. Susana, sua obstetra.

– Isso é pura invenção de moda da sua parte. Num parto em casa, você não vai contar com a estrutura adequada fora do ambiente hospitalar pro nascimento seguro. Não existe parto sem risco e se houver uma complicação num parto domiciliar, não vai ter o médico pra te dar a assistência

necessária – reprovou Dra. Susana.

- Se você não respeita minha decisão, eu vou mudar para uma obstetra que seja humanizada – disse Débora.

## EMPODERANDO-SE

Eram cinco horas e trinta minutos, quando Débora acordou para ir ao banheiro tomar uma chuveirada de água quente para relaxar. Repentinamente, uma dor nas costas começou a incomodá-la. As dores aumentaram e Débora fez uma força descomunal e agachou. Sua bolsa rompeu e ela gritou:

- Fabinho, a bolsa estourou. O José Augusto tá chegando ao mundo. Corre pro 802 e chama o Dr. Vladimir pra me ajudar.

- Tô indo lá, meu amor – respondeu Fábio.

Fábio foi ao apartamento do Dr. Vladimir e explicou a situação. O médico, já aparentando uns 70 anos, cabelos brancos e olhos azuis, foi com o rapaz ao apartamento. Ao chegar ao banheiro, o doutor constatou que Débora estava com dilatação total.

Uma força estranha ainda maior apoderou-se daquela moça. Amparada pelo Dr. Vladimir, às seis da manhã, Débora deu à luz a José Augusto, no banheiro do apartamento, chorando fortemente. Fábio desabou no choro.

- Fabinho, eu sou a mulher mais feliz do mundo. Hoje, nasceu o fruto do nosso amor. Lindo, indiozinho igual a você – falou Débora, amamentando José Augusto.

- Meu filho é lindo, muito lindo – respondeu Fábio, chorando

## COMENSAIS DO CAOS

e abraçando a mulher e o filho.

### GROSSERIA NO HOSPITAL

Contudo, a placenta não “nasceu” e Débora, acompanhada de Girlaine, foi ao Hospital Santo Amaro. A jovem conversou com Luísa, a recepcionista:

- Eu pari em casa às seis da manhã. Meu bebê tá com meu marido, mas minha placenta não “nasceu” e preciso de ajuda pra removê-la.

- Nasceu em casa? Não sei se podemos te atender – disse Luísa, em tom alto e debochado de voz.

Débora procurou a Maternidade Maria Ortiz. Depois de alguns minutos, ela foi admitida no estabelecimento.

- Cadê o seu bebê? – perguntou Dra. Beatriz.

- Ficou em casa com meu esposo – respondeu Débora.

- Eu quero ver seu bebê. Ou você traz seu bebê ou eu chamo a polícia e abro um B.O contra você. Isso é crime, você e o bebê poderiam morrer. Você não sai desse hospital até ver esse bebê. Meu plantão acaba às sete da noite e eu não vou sair daqui até ver essa criança – ameaçou Dra. Beatriz.

Débora foi levada para uma sala. A médica puxou a placenta pelo cordão umbilical, enquanto apertava a barriga

- Faça força pra sair – falou Dra. Beatriz.

- Eu não aguento mais – gritou Débora.

- Eu vou te fazer uma curetagem no centro cirúrgico

pra tirar essa placenta – falou Dra. Beatriz.

- Faça o que achar melhor – concordou Débora.

Quando Débora se levantou da maca, viu uma poça de sangue. Ela começou a ter uma hemorragia.

- Parto domiciliar é um crime! Eu vou tirar o seu útero – gritou Dra. Beatriz.

A maca onde Débora estava deitada e chorando passou pela recepção do andar, antes de chegar ao centro cirúrgico. A médica gritou para quem quisesse ouvir, em tom professoral:

- Isso aqui é um parto domiciliar, viu? É isso que acontece.

Durante o procedimento de remoção da placenta, as portas do centro cirúrgico ficaram abertas. Todos que passaram pelo corredor viram Débora de pernas abertas.

No dia seguinte, ainda se recuperando, Débora foi humilhada mais uma vez pela Dra. Beatriz:

- Se seu parto domiciliar não deu certo, você deveria se virar e levar um médico até sua casa pra tirar a sua placenta e não trazer problemas pro meu hospital.

Débora foi obrigada a internar José Augusto, que estava em casa com o pai e bem de saúde.



## **SOBRE O AUTOR**

Maxwell dos Santos nasceu em Vitória/ES em 1986 e mora na referida cidade, no Bairro da Penha. É jornalista (MTE/ES 2605), escritor e roteirista audiovisual. Em 2012, publicou seu primeiro livro impresso, *As 24 horas de Anna Beatriz*. Em 2013, publicou os e-books *Ilha Noiada* e *Melanie – uma história de amor e superação* e em 2014, publicou o e-book *Amyltão Escancarado*.

**MAXWELL DOS SANTOS**

## COMENSAIS DO CAOS

É um livro de contos que luta pela humanização do parto, enfatizando o protagonismo da mulher em tal processo fisiológico e denunciar a violência obstétrica praticada por profissionais da saúde, através da história de quatro jovens: Débora, Camilla, Adriane e Isadora.

Uma em quatro mulheres já foi vítima de violência obstétrica no Brasil.